

## O SALTO POLÍTICO

### THE POLITICAL JUMP

Thomaz Antonio Santos Abreu<sup>85</sup>

**Resumo:** este artigo tem o fito de mostrar uma interpretação sobre o salto do peixe; nesse sentido, argumenta-se, em especial, que tal salto possui uma dimensão epistemológica, uma dimensão prática e uma dimensão volitiva, sendo que ele implica uma supressão do imediato. Não se realiza, porém, uma atitude argumentativa verificacionista, isto é, uma tentativa de demonstrar que, e como, o texto literário é meio para a verificação do conteúdo de conceitos teóricos prévios; ao contrário, busca-se acompanhar trechos da linha narrativa O do romance *Avalovara*, do escritor pernambucano Osman Lins dando voz a ideias concatenáveis na imanência textual, para destacar a potência que o texto enseja de criar mundos nos quais uma crítica social manifesta-se. Dessa forma, espera-se mostrar que o salto do peixe implica uma dimensão política na qual alguns personagens atuam.

**Palavras-chave:** Osman Lins; literatura e política; *Avalovara*.

**Abstract:** This article is intended to show an interpretation of the fish jumping; in this sense, it is argued, in particular, that such a leap has an epistemological dimension, a practical dimension and a volitional dimension, since it implies a supersumption of the immediate. However, a verificationist argumentative attitude is not carried out, that is, an attempt to demonstrate that, and how, the literary text is a means for verifying the content of previous theoretical concepts; on the contrary, it seeks to follow excerpts from the narrative line O of the novel *Avalovara*, by the Pernambuco writer Osman Lins, giving voice to concatenatable ideas in the textual immanence, in order to highlight the power that the text entails to create worlds in which social criticism manifests itself. In this way, it is expected to show that the fish's jump implies a political dimension in which some characters act.

**Keywords:** Osman Lins; literature and politics; *Avalovara*.

O início da linha narrativa O de *Avalovara* chama a atenção pelo fato de a personagem Impronunciável afirmar um caráter inconsciente sobre o que a personagem narra:

Articulado na ausência e por mim mesma descrito, de maneira caótica, incompleta e até certo ponto enigmática, nos dias febris e de número impreciso em que a minha boca parece saber mais do que sei, o nosso encontro alcança agora a plenitude e o final. Abel! (LINS, 2005, p. 26)

---

<sup>85</sup> Doutorando em Literatura na Universidade de Brasília, UNB, e-mail: thomsbreu@gmail.com.

Impronunciável revela que seu encontro com Abel foi por ela descrito sem que ela tivesse domínio consciente sobre tal descrição. Nesta, sugere-se haver um saber que ultrapassa o saber da personagem. Nesse sentido, existe um saber inconsciente nos significantes de Impronunciável acerca do encontro dela com Abel, e este saber está além daquilo que ela mesma sabe. Dessa forma, o que o relato da personagem descreve e articula está numa dimensão de incompletude.

Isso não quer dizer que esse relato não seja nodal, pois se trata de uma incompletude consistente. Nesse sentido, a personagem enuncia uma proposição conclusiva na pergunta “Toda a minha vida, pois, está aqui neste instante? [...]” (LINS, 2005, p. 28), sendo que o uso da palavra “instante” é retificado pela personagem para o sentido de “[...] poliedro de inumeráveis faces transparentes, estas, as faces, são o que instantes nos parecem, um destes contemplai, uma destas faces, e vereis ser impossível ignorar as outras” (LINS, 2005, p. 28), o que, então, leva à conclusão de que há uma consistência na vida e no relato, na medida em que estes dispõem uma pluralidade de faces.

Interessante observar que o substantivo “instante” pode ser compreendido como “espaço de tempo indeterminado” e “ponto determinado do tempo”. De fato, Impronunciável não pode representar o relato que ela empreende como um instante, pois aquele não se reduz a uma determinação ou indeterminação temporal, dado que tal relato, como os demais do romance, encontram-se submetidos à topografia temporalizada, ou ao tempo topografado, da obra como um todo, ou seja, as linhas narrativas estão localizadas, considerando-se a progressão delas, numa organização de enquadramento geométrico em sentido, imanentemente, espiralado.

Nessa seara, sugere Impronunciável que seu relato é atravessado por outros relatos, pois “[...] as faces do poliedro se trespassam” (LINS, 2005, p. 28); especialmente, essa proposição é premissa coerente para a afirmação de que toda a vida da personagem se encontra no relato que enuncia na medida em que o realiza, na condição da inconsciência, pois este é incompleto, uma vez que é atravessado por outros relatos. Dessa

forma, a incompletude do relato de Impronunciável é inteligível, à luz da alteridade dos saberes relatados.

Dada essa reflexão sobre a dimensão inconsciente do saber do relato de Impronunciável, vejamos algo do escopo dos ditos conscientes da personagem. Ela descreve a violência que seu marido imprime sobre ela, mostrando, contudo, que não ficava passiva ante essa brutalidade. Com efeito, ela diz: “Meu marido, inclinando-se, olhame no fundo das pupilas, com atenção, volta brutalmente meu rosto para a lâmpada. Exclama, trêmulo: ‘Você tem quatro olhos, uns por dentro dos outros. Que olhos são esses? Como não vi isto nunca?’” (LINS, 2005, p. 30-31). Narra Impronunciável o momento em que seu marido percebe a profundidade ontológica da personagem, sendo que ele a vê na duplicidade de seres que a constituem.

Mas o modo brutaz por que o marido de Impronunciável, Olavo Hayano, vê essa verdade profunda da duplicidade ontológica da personagem é revelador de uma violência obliteradora do olhar que ele exerce sobre ela, por duas razões: Impronunciável decide subtrair da visibilidade intersubjetiva conjugal tal verdade ontológica ante o enfeitamento à bruta que seu marido faz em relação à duplicidade; e, conseqüentemente, tal olhar invisibiliza a constitutividade do outro, Impronunciável, censurando a diferença que encerra a duplicidade ontológica da personagem.

É como se Olavo Hayano, temendo espelhar-se nessa diferença, se sentisse em risco, o perigo de se ver impotente ante um ser ontologicamente maiêutico, que se desdobra, parindo de si mesmo um outro ser que se torna outro do primeiro ao qual, porém, permanece unido; parece, assim, haver, em Hayano, certo pânico da pluralidade ontológica constitutiva, da convivência das contradições que se furtam tanto ao controle do militar-marido. Dessa forma, temos a impressão de que aceitar o convívio com essa pluralidade afigura-se a Olavo Hayano uma ameaça de castração do seu desejo de dominar, colonizar, o outro, Impronunciável, e o outro de Impronunciável, sendo que Hayano não demanda o convívio consciente com uma pluralidade ontológica que o descentralize e não se mostra em condições para reconhecer a pluralidade no outro com o qual convive. Assim:

Apaga a lâmpada que pende do estuque áspero e deita-se. O mar percute nos lajedos. Não lhe falarei – agora, nunca – dos meus dois nascimentos, dos meus dois corpos. À luz da lamparina continuam visíveis – e distantes – as paredes, os três espelhos ovais do psichê, a grinalda no cabide alto (LINS, 2005, p. 31).

Este relato de Impronunciável configura elementos de oposição dela mesma contra a censura brutal de seu marido. Nesse sentido, se, por um lado, ele, à luz da lâmpada, exerce essa violência contra a duplicidade da personagem e ele mesmo obscurece a visão desta ao apagar a lâmpada, ocorre, por outro, nessas ações, um apagar e um acender para Impronunciável, pois se apaga a possibilidade de intimidade ontológica entre o casal, o que alude a uma incompatibilidade da convivência entre a diferença e a opressão, e ilumina-se a impossibilidade de outras formas de socialização da intimidade que obliterem a pluralidade ontológica. Dessa forma, expressa-se uma distância entre ela e a anuência à censura, à opressão.

Em oposição ao enjeitamento violento da opressão que o marido de Impronunciável exerce sobre o duplo ser da personagem, ela oferece-se a Abel para uma relação de superação dessa violência que procura censurar a peculiar duplicidade ontológica constitutiva da personagem; mediante uma incorporação mútua entre Impronunciável e Abel, os amantes performam uma suprassunção da violência conjugal de que ela é vítima:

Vem, Abel. Penetra-me e acrescenta-me. Obsedam-me as esponjas, seres de vida estreita, sempre a trocarem de sexo, ora expelindo óvulos, ora fecundando-os, obsedam-me as esponjas, há quinhentos milhões de anos já existiam, hesitavam entre um sexo e outro, é tudo o que faziam e fazem, assim continuam, essa conformação imota me apavora (LINS, 2005, p. 31).

Impronunciável convida Abel para algo que é irreduzível ao intercuro sexual, tendo em vista que o pavor da personagem se dá em relação à redutibilidade de si mesma como um ser que estivesse determinado a, meramente, viver em estado de petrificação das possibilidades de si. Diferentemente disso, Impronunciável deseja um

salto, o qual se mostra como o supedâneo de certa reação contra a imobilidade cerrada nas circunstâncias do imediato aparente:

Não viverei sequer mil anos, minha vida é rápida, risco no tempo, tal como um peixe salta um dia acima da vastidão do mar e vê o Sol e um arquipélago onde se movem cabras entre as rochas, assim eu salto da eternidade, como todos, eis-me no ar, vejo o mundo dos homens, logo voltarei aos abismos marinhos (LINS, 2005, p. 31).

Podemos dizer que a personagem não deseja uma vida esponjosa. Nesse sentido, ela repudia para si não apenas a redutibilidade da vida como ensejo para reprodução de uma imobilidade ontológica; repudia, especialmente, uma vida na qual os acontecimentos que a envolvem sejam vistos apenas aquém do imediato que aparentam ser.

Tal como o peixe que, saltando, enxerga o que ele não veria se limitado detivesse-se à aparente eternidade do seu contexto imediato de abismos marinhos, Impronunciável permite-se atuar, considerando o agir, o pensar e o sentir como instâncias da sua subjetividade e da sua intersubjetividade, as quais não são aprisionáveis pelas relações que enformam a opressão do contexto imediato de vida em que ela se situa. Dessa forma, Impronunciável permite-se posicionar a imediatez desse contexto como alvo da sua ação, do seu pensamento e do seu sentimento, desvelando o que tal imediato não mostra.

Nesse sentido, trata-se do posicionamento de um contexto vivido como objeto de indagação que não se reduz ao imediato que aparenta ser, uma suprassunção desse imediato como gesto crítico de mediá-lo por aquilo que se oculta ou se obstrui no imediato aparente. Além disso:

Este breve salto, esta aspiração ao ato de voar é tudo que me foi concedido para ir da grafita ao grafito, para consumir o que os espongiários, em meio bilhão de anos, nem sequer esboçam, limitando-se a passar, continuamente, de um sexo a outro, de um sexo a outro. Vens? (LINS, 2005, p. 31).

Nesse recorte, explicita Impronunciável o salto como aspiração, sendo que essa volição é condição de possibilidade da escrita em sentido lato. Podemos dizer, nesse comenos, que há uma política pático-crítica do salto, pois este é uma mediação volitiva do imediato a qual o rasga, prática e epistemologicamente, para um atravessamento além deste, e tal mediação é, ela mesma, mediada, porquanto o conhecer e o agir, saltando do imediato, tornam-se objetos no mundo da linguagem escrita do ser que realiza o salto.

A vida em salto não possui, assim, apenas uma característica epistemológica, ligada ao que se pode conhecer acerca do que permanece invisibilizado pelo contexto imediatamente vivido, tampouco se reduz a uma característica prática, ligada ao agir, ao movimento de si no sentido de ir além desse imediato, pois tal vida está, volitivamente, motivada para saltar, porquanto o salto é caudatário do desejo que tem como objetos o pensar a realidade que chega ao indivíduo além do visível imediato desta bem como o agir que medeia a superação dessa realidade, e este salto está conglobado para se tornar representação. Dessa forma, podemos dizer que o salto do peixe representa a vida da personagem como uma política de si, isto é, uma forma de agir e de pensar críticos, uma vez que posicionam o imediato vivido como objeto de pensamento, de prática e de volição para mediações que o suprassumam, as quais implicam o ato de escrever ou representar esta suprassunção.

Dito isso, podemos enxergar uma dimensão política do convite que Impronunciável faz a Abel, quando ela lhe chama para penetrá-la e acrescentá-la. Trata-se do ato de penetrar na acepção de “perquirir” e do ato de acrescentar na acepção de “somar-se”, acepções estas que envolvem certo agir, certo conhecer e certo desejar, politicamente orientados, intersubjetivamente. Nesse sentido, Impronunciável destaca para Abel que a suprassunção que peculiariza a vida humana se dá no ato de escrever, ou seja, se as esponjas se limitam a uma realidade ontologicamente imota, o humano, por sua vez, diferencia-se dessa conformação mediante o ato de representar ou de escrever que medeia o imediato, implicando o desejo de atravessar o imediato, indagar a aparência deste a partir daquilo que esta não mostra e negar a censura contextual que oblitera a pluralidade ontológica. Dessa forma, antipodal de uma mera relação sexual, temos a impressão de que a personagem convida Abel para realizar uma ação política, mediante

a escrita crítica de si mesmo no mundo bem como uma escrita crítica do mundo em si mesmo (no sujeito) que represente o salto performado intersubjetivamente.

Essa intersubjetividade é uma tensão e uma superação. Nesse sentido, a vivência da política da vida em salto é a vida experimentada pela volição para agir, conhecer e sentir com, contra, e além do que as realidades imediatas de si e do mundo assentam, do que as circunstâncias obscurecem, do que se furta ao regime de visibilidades do contexto dado, do que se queda imoto pela atuação da opressão. Com efeito, o chamado aparentemente sexual de Impronunciável singulariza os personagens numa demanda de amor constituída para o reconhecimento de uma crítica política de si mesmo entre eles, politização da vida mediante o agir, o conhecer e o desejar, consoantes a si e ao mundo, criticamente interpenetrados, pela suprassunção do vivido para fora das petrificações imediatizadas que o mostram, implicando-se a escrita de si como parte do agir, do pensar e do sentir que suprassumem o vivido oprimido. Dessa forma, reforça-se que Impronunciável convida Abel não apenas para uma crítica dos pressupostos ou implícitos das realidades que lhes chegam, mas, especialmente, para que possa fazer, na prática da escrita, (um)a mediação do agir e do conhecer críticos do que é dado, mediação tal condicionada pelo desejo de fazer a travessia que o salto perfaz.

Se se deve indagar o imediato, perquirindo o que lhe subjaz e desagrilhoando-se do caráter imoto da sua aparência, pseudolimite do que se pode ou não fazer, essa indagação é signo de renascimento. Nesse sentido, tal perquirir abre um espaço radical de questionamentos intrasubjetivos que acompanhavam a ideação e a prática de Impronunciável em sua biografia crítico-social, a política do salto já configurada em sua infância. Com efeito, ela indaga:

Quem fez meu corpo? Observo meus pais, demoradamente, comparo-os comigo e vejo: não foram eles [...] E de falar, quem foi meu mestre? Ouço meus pais, falam entre si com surda, amável, clara violência e sei que não eles me ensinaram a falar [...] tudo ouço, mas não me aventuro a repetir esses sons e tudo para mim é indecifrado [...] Sei que haverá um código, um sinal para chamar-me. Procuro descobri-lo do confuso ir-e-vir das coisas que me cercam. Será um som, será um odor, uma claridade? Por vezes, percutem um martelo, ou me deparo com a fachada de um prédio, ou vejo desenhos num muro, ou cravo as unhas na pele. Fico perguntando se alguma dessas coisas é meu nome [...]. Assim vivo, nesta comunhão que me multiplica e atormenta, assim

vivo, até precipitar-me para baixo no meu velocípede, eu e o mundo, eu e as três rodas que giram em derredor de mim, e tudo escurece e nessa escuridão eu sou novamente formulada, eu, novamente parida, sim, nasço outra vez (LINS, 2005, p. 33-34).

O sujeito político da indagação crítica sobre os pressupostos do que lhe é imediato deve, no movimento de agir, de conhecer e de desejar o que não lhe está dado imediatamente e o que está além dos dados que lhe chegam, morrer, em certo sentido. Essa morte não é a interrupção definitiva do organismo, mas uma reformulação de si, uma maiêutica ontológico-política na qual se multiplica a ontologia de si mesmo, contra a violência do imediato que contextualiza o sujeito. Dessa forma, efetiva-se, no renascimento de Impronunciável, a consequência da crítica política que ela propõe, qual seja, uma nova composição subjetiva impassível de se reduzir ao contexto imediato opressor no qual se encontra, mas onde vem a ser.

Reforça-se, nessa seara, que o sujeito assim duplicado demanda o reconhecimento da radicalidade do seu movimento numa relação intersubjetiva. Com efeito, Impronunciável diz:

Cada vez, Abel, que me beijas os joelhos, duas vezes o fazes. Serás capaz de ver as letras, as palavras que, em certas horas, vejo ainda rastejarem sob a minha pele e que, decerto, nunca silenciam? Ouço-as dentro do meu corpo, ouço-as, vozerio distante, multidão agrupada numa praça, não como se eu na praça estivesse, e sim como se fosse a praça, o murmúrio das palavras ecoa em minhas coxas, nos meus peitos, no ventre, flui e reflui, continuado, não sei se alegre, não sei se feroz, flui, como se os limites do meu corpo fossem os limites da praça, e meus ombros e axilas fossem abóbadas onde chegassem os últimos ecos das vozes, e os meus braços – que estendo – fossem extensões da praça, avenidas também cheias de vozes. (LINS, 2005, p. 38-39)

Nessa crítica, a política da vida em salto radicaliza o conhecimento mediado de tal modo que se, inicialmente, a realidade que circunda o sujeito aparenta-se limítrofe do seu agir, do seu desejar e do seu conhecer, o movimento de tal sujeito deve levá-lo a atravessar o nadir e o zênite dessa realidade supostamente imota.

Nesse sentido, as palavras que estão em Impronunciável expressam o que lhe dista no espaço mais amplo além do que o seu corpo e o de Abel imediatamente ocupam. Trata-se de uma radicalidade, porquanto, do extremo próximo, amplia-se a subjetividade da personagem para o extremo distante, mediante a apropriação pela linguagem dos

fluxos que aí ocorrem. Essa apropriação não pode ser monológica nem soliloquiada, uma vez que a demanda de Impronunciável é que Abel veja e leia os fluxos apropriados.

Nesse fator da politização de si, dado que Impronunciável pede a Abel que veja as letras que ela vê em si as quais veem o mundo através de mediações que a personagem opera, ela apresenta uma demanda para que Abel leia a linguagem privada e pública desse movimento, de modo que Impronunciável pede a Abel uma comunicação intersubjetiva de mediações, ou seja, um movimento no qual um dos sujeitos demanda a leitura do outro sobre o, e a partir do, si do primeiro, perpassando as mediações que este realizou. Dessa forma, além do agir, do conhecer e do desejar em mediação dos dados imediatos da experiência, a vida política da personagem demanda uma relação de intersubjetividade na qual o reconhecimento dessa mediação seja realizado.

Há um evento especial que Impronunciável menciona, ocorrido quando ainda era pequena, no qual tal demanda política parece expressar-se, evento de singularização de si mesmo no mundo. Assim:

Com os lábios, de leve, Abel aflora meu rosto, a penugem do meu rosto, contorna a linha das fontes, desliza pela face, busca-me a curva do queixo, sua respiração dobra-me os ossos, movo rápida a cabeça, mordo a sua boca. A ave solitária cresce e cada vez perco-a de vista. Custo a perceber que as suas evoluções são rigorosas. Voa com disciplina, traça uma espiral descendente, que se reduz em direção a um vértice. Esse vértice funde-se com o ponto em que estou deitada [...] Ao mesmo tempo, contendo um sobressalto: aquele vôo talvez seja o meu nome. (LINS, 2005, p. 42).

Impronunciável, em agitação, vê seu nome no voo da ave. Ela não o escuta, mas o sente no ventre. Impronunciável sugere estar, de alguma forma, nascendo, também, aí, uma vez que recebe seu nome, que é o movimento do voo da ave, o qual designa a personagem.

Tal processo indica a proximidade pela distância, ou a distância pela proximidade, entre a ave, que voa formando uma espiral, e Impronunciável, o vértice desta. Nesse sentido, a ave e Impronunciável são os extremos desta figura e participam de um mesmo movimento que implica antíteses, ir e vir, ascendente e descendente, que a ave realiza, performando uma espiral.

Impronunciável sente, em especial, sua posição nesse processo, e o que dista a personagem implica um espaço que é constituído pelos movimentos de ir e vir que

localizam a posição de Impronunciável e constroem a perspectiva desta, de modo que as evoluções da ave, criadoras do processo, são mediações da distância e da proximidade entre esta e Impronunciável. Podemos dizer que a personagem é, politicamente, “batizada”<sup>86</sup> pela ave, na medida em que Impronunciável sente receber, como designador rígido, não um substantivo, mas um movimento espiralado, isto é, o designador rígido da personagem é um ato, não uma substância, ou um estado, ou uma permanência. Dessa forma, o “nome” de Impronunciável é um agir, um pensar e um sentir que se operam, intersubjetivamente, por meio de contrários que sublevam a realidade circundante e a opressão do contexto que a situa.

Nesse antibatismo, a ave fundiu a personagem com a realidade entendida como processo. Nesse sentido,

O pequeno cálice, o som em meu umbigo, o som, o cálice vibrante continua a soar por muitos dias. Quando afinal as vibrações esmaecem, há uma presença em mim, uma presença. Algo semelhante a um besouro, não, a uma aranha de movimentos lentos. Logo, não é mais uma aranha e sim um pássaro de asas curtas, sem bico, os pés cortados, um pássaro cinzento, mais tarde um peixe quadrúpede, aflito e inquieto, nadando com esforço em meu útero verde. Abro a janela e os olhos do peixe se iluminam, choro e o peixe entristece, tenho sono?, adormece, corro e suas pernas se agitam, assusto-me e ele se encolhe, alegro-me e as suas escamas resplandecem. Sem que eu saiba, há em mim uma cisão, de mim mesma estou nascendo, invado-me. Já não é um peixe, mas um cão, um cão ornado em plumas, com grandes barbatanas, que me ocupa. Tem pés e mãos. Às vezes estende a perna, com o pé fura-me o ventre, o baço, eu me contorço de dor. Ergue o punho e me oferece o coração, atravessa-o: surgem manchas roxas no meu corpo. Lambe-me a garganta e eu vomito. Ligo tudo isso, aturdida, à ave que desce [...] (LINS, 2005, p. 48-49).

Ou seja, em seu útero, há uma transmutação constante, um besouro numa aranha de movimentos lentos, desta aranha num pássaro cinzento sem bico e de pés cortados, desse pássaro num peixe quadrúpede aflito e inquieto. Parece que essas transmutações que ocorrem no útero da personagem ligam-se à ave, porquanto as transformações são mediações expressas em formas que se transformam, além disso, as mediações são,

---

<sup>86</sup> Na verdade, um antibatismo, pois não se nomeia a personagem, mas se faz uma designação performativa da mesma.

precisamente, os tipos de relações encetadas pela ave, processo que reúne contrários, as quais conglobam, e caracterizam, Impronunciável. Dessa forma, a personagem apresenta uma mímese do real, reproduzindo, dentro de si, os tipos de relações que se estabelecem fora de si: a realidade das mediações engravidou a personagem de mediações de si mesma, de modo que o seu “nome” implica a performatividade de processos que reúnem em si mesmos contrários que medeiam o que é aparente, seja este o dado da realidade das circunstâncias do sujeito, seja tal aparente o próprio sujeito como dado.

Impronunciável é, assim, um ser constituído por mediações. Mas estas não são intersubjetivadas indiscriminadamente. Nesse sentido, leiamos uma de suas confissões:

Sei o que são outros homens, deito-me por cólera com eles, abro as coxas de raiva, dão-me prazer e nada arrancam de mim, dão-me prazer, o prazer que se tem quando se mata um cão raivoso a tiros, um gozo mudo e dilacerador, mas a ti eu quero dar-me, Abel, de um modo novo e único, dar-me com alegria, hei de franquear à tua intromissão minhas identidades, meus sexos, meus corpos, hei de receber-te nos âmagos de mim e de dois modos te amar, com duplo desejo, ânsia dupla, duplo assentimento, e não serás um intruso, um inimigo – e sim o hóspede, o invocado, o aceito, eu o receberei com todas as portas do meu corpo abertas [...] (LINS, 2005, p. 49-50).

O objeto de desejo de Impronunciável não é uma satisfação erógena ou sexual. O sexo pode ser, apenas, uma maneira de se obter um prazer mudo, ou seja, silenciador das identidades que constituem a personagem e revelam a incorporação do processo como propriedade de si. Nesse caso, sendo tais identidades signos de mediações, o prazer pode ser obtido em desconsideração da duplicidade ontológica das identidades da personagem e das mediações que perfizeram a constituição ontológica dessas identidades, o que torna o prazer passível de ser obtido por meio de uma satisfação, politicamente, muda.

Ao contrário da violência dessa mudez política, a personagem oferece-se, a Abel, de modo que as identidades dela se mostrem a ele ineludíveis, resultantes de processos de produção de subjetividades que não se tornam atomizadas nem autonomizadas. Nesse sentido, Abel se torna o hóspede das identidades de Impronunciável, ou seja, aquele escolhido para, por algum tempo, acomodar-se nas identidades da personagem e, assim, nas mediações que se enredam nelas: trata-se de um

convite para uma intimidade intersubjetiva política, uma vez que Impronunciável chama Abel para não, apenas, acomodar-se, passivamente, em tais mediações, mas, como o hóspede de mediações, Abel é convidado a tomar para si o que lhe é oferecido, para fazer mediações das mediações, para tomar para si a política da vida em salto. Dessa forma, o desejo de Impronunciável por Abel resulta numa demanda para a politização do personagem e para a politização do escritor, convidado que é a ser objeto e sujeito das mediações.

Esta vida, contudo, não é pacífica e leva a mediações que radicalizam sua própria perspectiva, ou mediações que tomam o salto numa perspectiva de alteridade a qual reencena um novo imediato do qual, porém, pode não haver mediação possível. Nesse sentido,

Salta o peixe das vastidões do mar, salta o peixe e este salto nem sempre ocorre no momento propício, nem sempre advém próximo à terra, às ilhas, aos arrecifes, nem sempre há luz nessa hora, pode o peixe encontrar um céu negro e sem ventos, ou uma tempestade noturna sem relâmpagos, assim o salto, o instante do salto, esse rápido instante pode coincidir com a treva e o silêncio, pode coincidir com o mundo ensolarado, enluarado, o peixe no seu salto pode nada ver, pode ver muito, pode ser visto no seu brilho de escamas e de barbatanas, pode não ser visto, pode ser cego e também pode no salto, no salto, no salto, encontrar no salto, exatamente no salto, um nuvem de pássaros vorazes, ter os olhos vazados no momento de ver, ser estraçalhado, convertido em nada, devorado, e o espantoso é que esses pássaros famintos representam a única e remota possibilidade, a única, concedida ao peixe, de prolongar o salto, de não voltar às guelras negras do mar. Mas não serão essa aves, seus bicos de espada, uma outra espécie de mar, sem nome de mar? (LINS, 2005, p. 52).

O salto do peixe não se dá, necessariamente, quando, necessariamente, há proteção para a execução do salto, de modo que o retorno do peixe ao lugar de onde partiu não é garantido. O peixe que salta pode, inclusive, não ver nada, pode ser ou não visto, pode ter sua vida em jogo, risco tal que é constitutivo do próprio salto. Dessa forma, o salto opera mediações nas quais aquele que salta enleia-se como sujeito e objeto, posto que a finitude do sujeito do salto pode entremear-se com uma tessitura de mediações diferentemente

intersubjetivadas em contiguidade com a fatalidade e a opressão, o que não derroga o agir, o pensar e o sentir críticos da realidade.

A propósito, utilizamos o nome “Impronunciável” para a referência à personagem que é identificada pelo signo  $\text{ϕ}$ , pois consideramos que este signo não é uma articulação semiótica com som material pronunciável na forma em que se apresenta imediatamente, além de, em especial, considerarmos que tal nome revela-se irônico, tendo em vista o escopo político dos enunciados que a personagem realiza e da vida que ela performa.

Dessarte, o salto político que Impronunciável ensina perpassa a vida da personagem e é parte constitutiva do seu relato, o qual é, relativamente, inconsciente, o que, por um lado, pode restringir a representação judicativa dele em outros enunciados, mas, por outro, não derroga sua correspondência potencial em relação às demais intersubjetividades de crítica social mostradas na obra, especialmente, o aprendizado histórico de Abel com Roos e o aprendizado jus-sociológico de Abel com Cecília, pedagogias estas que dialogam com o aprendizado político de Abel com Impronunciável e convidam-nos ao recebimento hospitaleiro dessas pedagogias crítico-filo-lítero-sociais, de modo que *Avalovara* convida o(a) leitor(a) para indagações éticas lancinantes que questionam o imediato que contextualiza a opressão em que vivemos (e o salto que daremos).

## REFERÊNCIAS

LINS, Osman. *Avalovara*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.